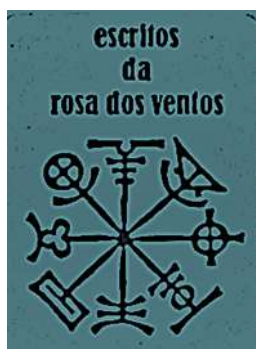


***ALGUMAS IDÉIAS SOBRE A PESQUISA COMO  
CONSTRUÇÃO SOLIDÁRIA DO CONHECIMENTO  
NA PRÁTICA DE QUEM EDUCA***

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.  
Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.  
Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
ou em  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***

*Mas não falemos de fatos. Já a ninguém importam os fatos. São meros pontos de partida para a invenção e o raciocínio. Nas escolas, nos ensinam a dúvida e a arte do esquecimento. Sobretudo o esquecimento do pessoal e local.*

**Jorge Luis Borges**  
**utopia para um homem que está cansado**  
**O livro de areia<sup>1</sup>**

*A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver; mas de saber viver. Para isto é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem que ser contemplado.*

**Boaventura de Souza Santos<sup>2</sup>**

### **Alguns esboços iniciais**

Que não pareça a quem me leia demasiado ousado começar estas reflexões sobre o saber e a com duas citações de dois autores provavelmente quase opostos. Um é um escritor de prosa e poesia. Um dos meus escritores de "quase todos os dias", como também o é João Guimarães Rosa. Mas um homem aos nossos olhos críticos possivelmente contraditório e até contrário. Pois suas escolhas de fundamentos de compreensão da vida e do ser humano e, mais ainda, sobretudo as suas opções políticas, inclusive durante o longo período da cruel ditadura militar em seu país, a Argentina, foram sempre consideradas como uma adesão a posições confessadamente conservadoras.

Prestem atenção na palavra "esquecimento". Possuindo ela talvez aqui um sentido "do mal", nós iremos reencontrá-la ao final deste texto em uma notável escritura de Roland Barthes. Então o "esquecer" aparecerá como um desejo de quem, como eu também sinto, viveu muito, estudou e

---

<sup>1</sup> Editora Globo, São Paulo, 1995, 7ª edição, na página 93

<sup>2</sup> Não tenho a citação direta. Esta citação foi tomada de uma das epígrafes de uma tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade de Uberlândia. Maria das Graças Campolina Cunha, uma ex-doutoranda minha, lembrou-se de tomá-la como epígrafe e o fez sem maiores dados. Copiei de sua tese sem me lembrar de obter por minha conta os dados complementares. Espero fazê-lo um dia.

escreveu muito, lecionou e pesquisou muito, e agora quer, pelo menos no que lhe é devido... "esquecer".

Já Boaventura de Souza Campos, com quem nos dias finais de 2012 cruzei no aeroporto de Porto Alegre, quando ele vinha de Portugal receber pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul o título de *Doutor Honoris Causa*, é um cientista social não apenas teórico de academia, mas um homem bastante próximo dos e comprometido com os movimentos populares, inclusive aqui no Brasil. Destas linhas em diante eu me despeço de Borges e sigo com Boaventura, que nos acompanhará aqui e ali neste escrito.

Sobre pesquisas de vocação e destino não-acadêmico, recordo o começo dos anos sessenta, quando no Movimento de Educação de Base começávamos a utilizar uma proposta então renovadora de pesquisa junto a comunidades populares com este nome: *estudo de área*. Era então um modelo de pesquisa aplicada, destinada ao conhecimento dos principais problemas das comunidades populares em que pretendíamos trabalhar com programas de "educação de base".

Era algo bastante mais próximo "das bases" do que as pesquisas teóricas e complexas com que nos acostumamos na academia. No entanto, herdada de diagnósticos propostos pela ONU após a Segunda Guerra Mundial, era ainda um modelo de pesquisa "sobre eles". Sua proposta, seus termos, sua linguagem, sua metodologia e seus relatórios finais eram nossos e ficavam conosco. À comunidade restavam os frutos de um trabalho pedagógico derivado (ou não) da pesquisa de área realizada por nós, sobre eles. Anos mais tarde o que veio a ser chamado de *autodiagnóstico*, de *pesquisa ação* ou de *pesquisa participante*, aventurou um salto em direção aos "outros" pessoais e coletivos, e aos seus direitos de co-participar da construção de conhecimentos sobre "eles mesmos", para além de nossos *estudos de área*.

Em alguns de meus estudos anteriores costumo dizer que a *observação participante* dos antropólogos surgiu quando deixamos de confiar apenas em instrumentos "objetivos" preservadores ilusórios de uma pretendida "neutralidade científica", e passamos a confiar em nós mesmos. Se antes o pesquisador se pagava em uma suposta neutralidade científica e confiava em instrumentos quantificáveis e tidos por objetivos e confiáveis o estabelecer relações e aportar dados, agora o pesquisador de campo é autor e ator de interações entre pessoas através das quais o que importa pesquisar, saber e interpretar é intersubjetivamente criado.

De igual maneira, mais adiante a *pesquisa participante* surge quando além da confiança em "nós mesmos", nós nos atrevemos a outro salto; aquele que parte de uma confiança "no outro". Confiar em que outros que não eu, situados fora de meus saberes eruditos, de minha teoria de ciência. Co-autores e co-atores comigo a serem consideramos opor mim e por eles como sujeitos substantivamente ativos e conscientes de seus próprios conhecimentos. E, por justa extensão, conhecedores conosco – mesmo que ainda em posições assimétricas - do que nós e eles de parte a parte sabemos a respeito deles. Sujeitos também das ações sociais de teor também político derivadas de saberes partilhados.

Penso que vivemos agora um momento altamente contraditório, desafiador, por isso mesmo, potencialmente fecundo. Boaventura de Souza Santos nos antecipa a qualidade deste tempo na epígrafe deste escrito. De um lado somos convocados agora a um vôo dificilmente imaginável em décadas passadas. Somos desafiados a ensaiar novas interações entre o saber consagrado das

ciências, e outros saberes, ou os saberes de outros. Sistemas de saberes e de valores provenientes de outros campos, de outras mentes, de outras tradições do pensar, do criar e do imaginar.

Somos desafiadas a nos lançarmos, em nome de algo que vai do pensamento complexo e às abordagens holísticas a novas teias e tramas de novas integrações entre nossos campos de ciências. Estamos derrubando outros "muros de Berlim" e estamos ousando transitar entre fronteiras dentro do mundo das ciências, e entre ele e outros vários mundos. Estamos sendo desafiados a passar de uma visão de ciências-de-certezas", de vocação arraigadamente positivista, em direção a co-ciências e sistemas de saberes fundados em incertezas em diálogo.

No entanto o próprio Boaventura, e tantos outros antes e depois dele, nos chamam a atenção para dois pontos essenciais. Primeiro, qualquer que seja a altura de nossos voos, o ponto de partida e o ponto de chegada de nossos estudos e pesquisas devem ser ainda e sempre a questão e a vocação do humano. E, claro, dilemas do humano. Devem ser, antes de qualquer outra coisa, o nosso ativo e solidário compromisso com a realização igualitária da felicidade humana. Devem ser a nossa partilha em uma luta ainda aberta, feroz e sem tréguas contra tudo o que nos coloniza e nos desumaniza. Entre as escolha de dois campos diversos, ou mesmo opostos, devem ser a opção da emancipação frente ao sistema hegemônico e colonizador, frente a forças e impulsos direcionadas a uma mera regulação do sistema. Devemos praticar qualquer pesquisa científica, sobretudo no campo das ciências da pessoa, da cultura e da sociedade, assumidamente frente e tudo o que coloniza e desumaniza justamente aquelas e aqueles a quem de modo geral envolvemos em nossas pesquisas: as gentes do povo e, entre elas e em nosso caso, as gentes do povo do campo.

Entre as primeiras ideias de Paulo Freire e as mais recentes ousadias teóricas e práticas de novas e radicais vertentes da antropologia, estamos chegando agora ao ponto em que nos toca quebrar talvez a mais difícil e mais injusta das barreiras que vislumbramos diante de nós. Aquela que ainda não saltou ainda o último fosso, e nos separa e opõe como sujeitos-criadores-de-saberes de/aos nossos objetos-do-saber-construído. Mesmo quando pensados com nossos outros sujeitos.

Aquela que ainda reserva a nós, doutos, eruditos, doutores e doutorandas, os direitos a uma reconhecida e consagrada progressão de carreira correspondente ao acúmulo de nossos saberes. E cotidianamente realizada "isto" na medida em que mantém ainda aqueles que respondem às nossas perguntas no campo como os quase invisíveis seres pessoais e coletivos criadores e habitantes de pitorescas e pesquisáveis "culturas populares".

Estamos em vias de compreender o antes impensável. Estamos aprendendo com "eles", que entre "nós" e "eles" existem diferenças de saberes, de sentidos, de significados, de sensibilidades e de sociabilidades. Existem diferenças "ali" onde antes víamos e reiterávamos desigualdades de conhecimentos, de vidas e de destinos. Estamos aprendendo também que talvez sejam justamente essas diferenças justamente aquilo que deveria torna-los aos nossos olhos outros criadores próprio e autônomos, pessoais e coletivos, de seus saberes, de seus sentidos de vida e de suas compreensões de mundo. Enfim, sujeitos criadores de outros diversos repertórios de sabedorias outras, cuja legitimidade diante dos nossos os faz tão somente legítimos "sabedores do seu" - tal como nós com o nosso. Sistemas de viver, pensar e agir que aos nossos olhos deveria torna-los outras categorias legítimas de cientistas, de pensadores, de artistas, enfim, de sábios.

E até mesmo em nossas reuniões acadêmicas penso que chegou o momento em que deveriam estar ao redor de mesas - e não apenas como pitorescos exemplares de culturas populares e de comunidades de indígenas, de quilombolas ou de camponeses - outras pessoas, senhoras de outras falas, trajadas com outras roupas, criadoras de seus saberes. Pessoas e coletividades sabia e originalmente diversas de quem somos. Poderiam dialogar conosco de iguais-diferentes para com diferentes-iguais não apenas para ocuparem os nossos intervalos de falas e escutas, mas para nos ouvirem e nos dizerem as suas imagens, as suas ideais, as suas teorias, com a mesma legitimidade com que dizemos a nós e a eles dizemos as nossas descobertas, teorias e verdades.

### ***Um pequeno retorno ao passado próximo***

Desde os antigos escritos e manifestos dos *movimentos de cultura popular* dos anos sessenta, temos solidariamente defendido a idéia de que as peculiaridades de-entre culturas, entre pessoas e entre povos não traduzem maneiras desiguais e hierárquicas de ser, de viver e de pensar. Algo que até hoje algumas pessoas distribuem em uma escala que vai “deles”, os selvagens, os primitivos, os populares, até “nós”, os civilizados, os eruditos e os praticantes de um modo de vida e de uma cultura “superiores”. A quem? A que?

Assim foi que, formado e treinado em diferentes momentos e situações para ser ora um rigoroso psicólogo praticante de pesquisas experimentais, objetivas e quantitativas, ora um educador e antropólogo praticante de estilos de pesquisas de campo pessoais e qualitativas, eu aprendi o que raramente encontro em livros que defendem uma ou a outra das duas margens de um mesmo rio. Ainda que você escolha caminhar todo o tempo por uma delas, nunca deixe de observar o que se passa na outra. Dialogue sempre com os que estão “lá”. Vá aprender e praticar com eles – mas não exatamente como eles, se for o caso – quando isto criticamente lhe parecer adequado.

Aprendi a fazer as minhas escolhas. Aprendi a respeitar as outras, mesmo quando não concordo com elas. Às vezes, principalmente por isso mesmo. Descobri que onde todo o mundo está pensando a mesma coisa é sinal de que ninguém deve estar pensando coisa alguma. Descobri que quando nos obrigamos a caminhar por um mesmo caminho para chegarmos a um mesmo lugar, não chegamos a parte alguma.

Gosto de imaginar tanto a ciência como a educação como uma dessas praças de nossas cidades. Uma praça onde nos reunimos vindos de várias ruas, chegados por vários rumos. E de onde saímos e voltamos para onde viemos, ou para um novo lugar, através da escolha de uma entre as várias ruas que chegam e saem da praça.

Ora, do mesmo modo como as idéias e os sistemas de idéias ou de processos confiáveis de busca de novas idéias - isto é, de pesquisa, científica ou não – que consagra o lugar social desde onde fala, quando se fecha na reiteração de si-mesmo acaba dedicando a maior parte da energia de seus praticantes em reforçar as descobertas e as idéias já realizadas, ao invés de ir em busca de novas. Isto ao invés de colocar-se com humildade diante de outras escolhas de pesquisa e de pensamento, para perguntar por quais caminhos e em nome de que fundamentos e aventuras da mente eles andaram por onde andaram e descobriram o que encontraram.

Vi no rosto de alguns amigos doutores algumas caras fechadas, quando disse a eles que considerava a *pesquisa participante* e suas variáveis um fascinante e muito sério sinal de novos tempos. Uma alternativa que tornaria bastante mais fecundo e verdadeiro o nosso trabalho acadêmico, a começar por dar um toque de crítica radical ao mal estar que vivemos sempre (a não ser quem pensa em títulos e convive com certezas, ao invés de pensar nos outros e conviver com as suas dúvidas) dentro da Universidade, quando de anos e anos de um tão intenso trabalho de leituras, de armação de projetos e de pesquisas de laboratório ou de campo, “produzimos” um brilhante artigo que alguns companheiros de ofício lêem, entre curiosos e desconfiados, e que as gerações futuras tratarão de esquecer.

Mas vi no espelho de olhos amigos caras mais fechadas ainda, quando disse (e foram muitas vezes) a pessoas militantes da educação popular e da pesquisa participante que não acredito que ambas sejam modelos definitivos de coisa alguma. Pois se forem a consagração estabilizante e exclusiva de si-mesmas elas estarão negando o projeto a quem sonham servir. Quando afirmei que a meu ver a *pesquisa participante* é uma entre outras excelente alternativa de construção solidária de saberes. Uma via inovadora, dialógica e múltipla de abertura epistemológica, metodológica, pedagógica e política.

Longe de ser operativamente simples, sabemos que em suas várias modalidades ela envolve todo um complexo sistema de pensamentos e de procedimentos que deveria entrar no círculo de diálogos com outras formas de pensar e pesquisar. Mas não vejo a *pesquisa participantes* como um novo modelo de trabalho científico que possa pretender colocar os outros de lado, pelo simples fato de sonhar fazer mais humanos os seus propósitos e mais assumidamente políticos os seus processos e o destino de seu trabalho. Assim, nunca consegui encontrar na *pesquisa participante* um sistema de prática científica que viesse a substituir os outros. Pois tal como os outros sistemas, ela só serve a algo se puder ser uma abertura ao diálogo com o outro através do campo de sua escolha<sup>3</sup>.

A simples maneira de como a partir de uma idéia original a *pesquisa participante* acabou gerando várias alternativas diferentes de trabalho participativo, abrindo-se a vários nomes e várias ênfases, bem demonstra que a proposta da *pesquisa participante* nunca foi a de um paradigma exclusivo ou de uma nova teoria científica, com o poder de se sobrepor a outras e ocupar de maneira definitiva o seu lugar. Ao contrário, nós sempre a encontramos mais criativa e mais conseqüente quando ela está associada a outros modelos de teoria e metodologia da pesquisa científica.

E foi assim que ao longo destes anos todos – leia-se algo entre 1962 e 2013, eu me vi e vejo ainda praticando caminhos ora de um lado, ora do outro das duas margens de um rio que, como em João Guimarães Rosa, poderia ter até uma “terceira margem”. Em minha ainda não concluída trajetória, transitei de um aprendiz de psicólogo experimental “hard” a um antropólogo social “light”. Passei de usuário rigoroso de métodos científicos objetivo-quantitativos a um praticante de modos

---

<sup>3</sup> Em algum dia do ano de 1986 o *Instituto Del Hombre* do Uruguai realizou uma experiência de diálogo entre eu Orlando Fals Borda. Ali se poderá ver de maneira clara como duas posições bastante desiguais em alguns pontos, sobre um mesmo tema, podem ser colocadas em diálogo.

interativo-qualitativos de pesquisa. Divido-me até hoje entre o professor-pesquisador-orientador da universidade e o participante de equipes de trabalhos de alguma “causa popular” ou de práticas de educação escolar geradas por administrações públicas de vocação participativa e popular.

Em um mesmo ano de minha vida, há muitos anos, oriento mestrandos e doutorandos em suas pesquisas acadêmicas e, não raro, bastante solitárias. Realizo eu mesmo *pesquisas teóricas* e *pesquisas de campo* com o rigor e o saber da ciência que eu pratico, a antropologia social, e da academia de onde não consegui e nem desejo sair por agora. As mais antigas foram trabalhos de uma deliciosa e desconfiável solidão. Mas mesmo nelas a presença de pessoas e de comunidades de pessoas com quem estou sempre em diálogo é mais do que evidente. E mais agora, entre os meus últimos anos de vida ativa na UNICAMP, e desde há anos na UFU e na UNIMONTES, vivo projetos coletivos de pesquisas com “equipes do sertão”, experimentando conviver com outras pessoas na prática de pesquisas. Investigações solidárias de campo. Entre outros professores e estudantes, sou um entre outras e outros investigadores.

Sigo trabalhando, ora como pesquisador direto, ora como assessor de pesquisas junto a algum tipo de movimento popular. Transito da pesquisa acadêmica à pesquisa participante sem receios de ser mais rigorosamente “confiável” aqui, e menos... ali. Sei muito bem quais os limites, quais os propósitos e quais os alcances de cada uma das experiências de investigação de que participo.

De igual maneira viajo há anos entre situações e momentos quantitativos a momentos e situações qualitativos em pesquisas seqüentes, ou dentro de uma mesma pesquisa. Sejam elas “participantes” ou não, há vezes em que tudo o que se pretende saber e compreender pode vir de vivências diretas (observação participante), do depoimento dito face-a-face por um tipo de alguém, como as mulheres mães de alunos da escola do bairro (entrevista aberta ou fechada, história de vida) ou de um censo necessário (a quantificação de dados básicos a respeito de condições de vida ou mesmo da opinião que pessoas têm sobre isto ou aquilo).

Há situações em que uma investigação lida com a “qualidade do que se vive e fala”. Há momentos em que ela lida com a “quantidade de quem vive e diz”. Há momentos em que a primeira alternativa se completa com os recursos da segunda. Há momentos em que a relação é oposta, e o foco sobre a primeira alternativa se complementa da contribuição da segunda. Assim é que na prática, mais além da oposição “quantitativo” *versus* “qualitativo”, podemos lidar também com diferentes estilos “quali-quant”.

Em minha experiência lidei e de algum modo sigo ainda lidando com pelos menos as quatro alternativas de trabalho científico:

a) pesquisas quanti/quanti – aquelas em que todo o procedimento metodológico está fundado sobre modelos experimentais ou de observação sistemática de uma dimensão do real, através de procedimentos quantitativos e de processamentos estatísticos (descritivos e/ou inferenciais) dos dados;

b) pesquisa quanti/quali – aquelas em que os procedimentos quantitativos e os dados derivados são constitutivos das análises feitas, sendo complementados com dados de teor qualitativo;

c) pesquisas quali-quantitativas – aquelas em que, ao contrário, os procedimentos e os dados essenciais são francamente qualitativos e se complementam (não raro em anexos ao texto) de dados quantitativos;

d) pesquisas quali-quali – aquelas em que a totalidade dos procedimentos e dos dados de campo ou de documentos são de natureza qualitativa.

### ***Da ciência "para nós" a uma ciência "com o outro"***

Creio que chegou o momento de pensar agora uma classificação-de-oficina a respeito dos *novos paradigmas* ou dos *paradigmas emergentes* com um olhar um pouco mais ousado e abrangente do que aquele que limita a percepção do que está acontecendo de novo na aventura humana do pensar e do criar sistemas de compreensão sistemática da realidade ao puro e simples campo das ciências.

Reconheço entre nós uma tendência bastante divulgada e discutida. Ela tem um pé na tradição inovadora das ciências da natureza e, o outro, no desafio da interação entre a ciência ocidental e as tradições de ciência, filosofia e espiritualidade orientais. De maneira algo diversa do que acontece no caso da primeira tendência, existe aqui o reconhecimento de que não é apenas de dentro da longa crise dos sistemas ocidentais de pensamento científico, e dos desafios de integração entre campos de ciências, ao lado de uma reconstrução epistemológica radical - onde uma certa subjetivação das relações teóricas e operativas da investigação possui um lugar de importância – que o surto inovador dos novos paradigmas deve ser buscado. Ele estaria também em uma inevitável abertura dos modelos oficiais-ocidentais ao diálogo com sistemas de imaginário e de pensamento das tradições orientais e, no limite, dos povos indígenas. Fritjov Capra é o difusor mais reconhecido desta tendência.

Uma terceira tendência é a que nos toca de mais perto aqui. Paulo Freire estaria situado nela. Edgar Morin seria um seu representante mais moderado e Boaventura de Souza Santos um representante mais crítico. Ela se diferencia das duas anteriores por estar mais associada a uma compreensão totalizante do mundo, da vida, da pessoa, da sociedade e, nela, da educação, a partir das ciências sociais.

Finalmente - e ainda que isto possa causar estranhamento em algumas pessoas - podemos reconhecer uma tendência situada no lugar de fronteira entre as ciências acadêmicas (como a astronomia), os sistemas reconhecidos pelos seus praticantes como alternativas científico-mítico-filosóficas (como a astrologia) e sistemas religiosos e/ou espirituais de compreensão da realidade, de significação da vida e de orientação ética das ações humanas.

O que têm a dizer e a inovar, em síntese, sobretudo as duas tendências centrais dos paradigmas emergentes? Em que as suas idéias de crítica aos sistemas “tradicionais” de pensamento e as suas propostas podem aportar algo ao trabalho do educador que também investiga<sup>4</sup>?

---

<sup>4</sup> Um dos trabalhos mais completos e mais oportunos sobre este tema, com o seu foco sobre a educação, é o livro de Maria Cândida Moraes: ***O paradigma educacional emergente***, publicado pela Editora Papirus de



Começo com um pequeno recuo ao passado próximo. Algum tempo antes de começarem a ser tão difundidas palavras como *holismo* e *transdisciplinaridade*, com todo o conjunto das diferentes idéias e dos diferentes paradigmas científicos emergentes, um padre e paleontólogo francês – Pierre Teilhard de Chardin – colocava-se ao lado dos físicos outros cientistas de seu tempo, para pensar a singularidade da subjetividade humana na construção do conhecimento.

*Subjetivamente, para começar, somos inevitavelmente centro de perspectiva em relação a nós mesmos. Terá sido ingenuidade, provavelmente necessária, da Ciência nascente, imaginar que podia observar os fenômenos em si, como se eles se desenrolassem independentemente de nós mesmos. Instintivamente físicos e naturalistas operaram de início como se o seu olhar mergulhasse do alto sobre um Mundo que a sua consciência podia penetrar sem por ele ser marcada ou sem modificá-lo. Começam agora a se dar conta de que as suas mais objetivas observações estão todas impregnadas de convenções escolhidas de partida e também de formas ou hábitos de pensamento desenvolvidos no decorrer da evolução histórica da Pesquisa. Tendo chegado ao ponto extremo de suas análises, eles já não sabem se a estrutura que atingiram é a essência da Matéria que estudam ou antes o reflexo do seu próprio pensamento. E, presos na própria armadilha, simultaneamente se dão conta de que, por contragolpe de suas descobertas, eles mesmos se encontram envolvidos, corpo e alma, na rede de relações que pretendiam lançar de fora sobre as coisas. Metamorfismo e endomorfismo, diria um geólogo. Objeto e sujeito se unem e se transformam mutuamente no ato do conhecimento. Quer queira, quer não, a partir de então o Homem se reencontra e se olha a si mesmo em tudo o que vê<sup>5</sup>*

Isto com relação às ciências da natureza, aos campos do saber científico dirigidos às estrelas, aos átomos e às florestas<sup>6</sup>. O que pensar das ciências da pessoa humana e das sociedades e culturas que criamos para viver uma experiência única de espécie de ser vivo? Eu creio que o que deverá nos espantar entre as linhas e páginas que nos esperam adiante é a idéia de que a tal ponto esta subjetividade singular da mente humana é fundadora de toda a compreensão sobre todas as coisas, que talvez estejamos vivendo um momento de mudança radical em todos os planos do

---

Campinas em 1997. Tenho comigo a 6ª edição, de 2000. Sugiro que se preste atenção à maneira como ela trás o pensamento de Paulo Freire para um tipo de discussão onde outros vários autores o deixam na sombra do esquecimento.

<sup>5</sup> Está na página 26 de **O fenômeno humano**, o livro mais traduzido e mais conhecido de Teilhard de Chardin. Em Português está provavelmente uma das melhores traduções, a de José Luiz Archanjo, que acrescentou ao texto uma série enorme e muito proveitosa de notas e observações. O livro é da Cultrix, de São Paulo e a edição que tenho em mãos é a de 1995.

<sup>6</sup> Não sei onde, porque me foi dito “de orelha”, em um Encontro, Leon Bloy lembra mais ou menos a mesma coisa de uma maneira mais poética: *se podemos ver a Via Láctea, é porque de alguma maneira nós a temos no coração.*

saber. De agora em diante as ciências humanas e as sociais tenderiam a tornar-se um modelo de teoria e pesquisa das ciências naturais. Avancemos um pouco mais nisto.

Ora, um dos cientistas mais lembrados quando se fala sobre os *paradigmas emergentes*, é Ilya Prigogine, um bioquímico laureado com o Prêmio Nobel em sua área de estudos. Com o peso de toda a sua longa experiência consagrada como um rigoroso investigador da vida no laboratório, Prigogine veio a somar-se à teia de pensadores e cientistas de todo o mundo animados em colocar sob o olhar crítico as motivações, os caminhos, os propósitos, métodos e trabalho e aplicações práticas de resultados da ciência ocidental hegemônica, aquela mesma a que Boaventura de Souza Santos, nas esqueçamos, chama de *ciência moderna*. Em um dos momentos mais fortes de seus estudos, escrevendo junto com Isabelle Stengers, Ilya Prigogine diz estas palavras:

*A ciência clássica, a ciência mítica de um mundo simples e passivo, está prestes a morrer, liquidada não pela crítica filosófica nem pela resignação empirista, mas sim por seu próprio desenvolvimento (...) Julgamos que a ciência hodierna escapa ao mito newtoniano por haver concluído teoricamente pela impossibilidade de reduzir a natureza à simplicidade oculta de uma realidade governada por leis universais. A ciência de hoje não pode mais dar-se ao direito de negar a pertinência e o interesse de outros pontos de vista e, em particular, de recusar compreender os das ciências humanas, da filosofia e da arte<sup>7</sup>.*

Por toda a parte, para onde quer que nos virássemos, eu e meus companheiros nos vimos de um momento para o outro cercados de palavras e de brados de alerta a respeito do esgotamento dos padrões de pensamentos e de criação científica através da pesquisa, segundos os modelos científicistas/quantitativistas que nos haviam acompanhado até então.

Assim, desde o começo dos anos sessenta aprendemos com pessoas daqui do Brasil, da América Latina e de outros quadrantes do mundo, a realizar uma severa crítica a respeito dos fundamentos de teoria e empiria dos estilos dominantes de criação de conhecimentos por meio da investigação científica. Sabíamos bem da boa inocência ou da má consciência contidas nos princípios de neutralidade-objetividade de ciências afinal orientadas segundo interesses e para utilidades econômicas, políticas e de outros círculos sociais bem distantes de um valor humano que tomávamos como o sentido de todo o nosso trabalho.

Em Ilya Prigogine e em outros críticos da *ciência moderna* encontramos uma análise que nos ajudou a rever o nosso próprio olhar e a partir em busca de uma outra orientação para nossos estudos e nossas pesquisas. Mas em vários destes autores faltava uma espécie de crítica da crítica da ciência. Isto é, toda a avaliação do esgotamento de modelos consagrados, vigentes e hegemônicos de nossas ciências, limitava-se a uma crítica epistemológica. Traduzo: uma crítica

---

<sup>7</sup> Está na página 41 do livro: ***A nova aliança – metamorfose da ciência***, publicado em 1984 pela Editora da Universidade de Brasília.

severa dos fundamentos lógicos do pensamento científico em si-mesmo, tal como vimos em momentos do capítulo anterior.

No entanto, o surgimento de novos modelos de “educação do olhar” e de elaboração de compreensões a respeito da realidade não deve obrigar quem investiga a um descompromisso com a seriedade de suas ações e com o rigor de suas estratégias de pensamento científico. E foi justamente ao descobirmos a presença inevitável de sujeitos e de intersubjetividades de um lado e do outro do trabalho de construção de novos saberes através do trabalho de alguma ciência, ou de uma conexão entre várias, que nos descobrimos também obrigados a estabelecer critérios de confiabilidade em todo o procedimento de investigação.

O limite do conhecimento humano é ilimitado. As possibilidades de fazer ciência não estão – bem o sabemos agora – no se chegar a verdades absolutas, definitivas e não transformáveis, mas o se abrir campo a novas perguntas. Seus propósitos devem ser os de compreender melhor integrações da realidade de modo a poder formular mais a fundo e de maneira mais interativa e complexa (Edgar Morin) os seus próprios problemas. Seus desafios ao real através da realidade subjetiva de mentes e corações humanos em diálogo com o mundo e a vida.

Voltemos ao lugar de onde saímos. Também no campo do humano estamos empenhados agora em realizarmos juntos, ao redor de todo o mundo, a nossa outra “revolução de Copérnico”.

Um exemplo bem próximo é quando através de experiências inovadoras de *cultura popular*, constituímos este “popular” não apenas como o “objeto de nossos estudos”, mas como o “sujeito do destino de nossos/deles estudos e ações”. Então é quando, começamos a praticar a crítica política da crítica epistemológica. Descobrimos que não basta corrigir desvios teóricos da ciência para que ela reencontre a sua vocação. Era também necessário recolocar o todo do conhecimento criado por mentes humanas através da ciência e de várias outras modalidades de pensamento e compreensão de nós mesmos, da vida e do mundo em que vivemos, dentro do campo da vida social e das relações de interesse e de poder que a constituem, que a legitimam e que, portanto, estabelecem os critérios de verdade e de utilidade do próprio conhecimento científico.

### ***De um conhecimento apenas complexo e criativo a um conhecimento consciente e participativo***

Boaventura de Souza Santos ao lado de uma arguta crítica científica da ciência, procede a uma crítica social da própria crítica científica. E isto representa um avanço muito grande. Deixo que ele nos fale.

*A situação de bifurcação, ou seja, o ponto crítico em que a mínima flutuação de energia Pode conduzir a um novo estado, representa a potencialidade do sistema em ser atraído para um novo estado de menor entropia. Deste modo a irreversibilidade no nos sistemas abertos significa que estes são produtos da sua história.*

*A importância desta teoria está na nova concepção da matéria e da natureza que propõe, uma concepção dificilmente compaginável com a que herdamos da física*

*clássica. Em vez da eternidade, história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez, a criatividade e o acidente*<sup>8</sup>.

Nas páginas de onde recolhi o parágrafo acima, Boaventura de Souza Santos está relacionando alguns pontos de crítica à “ciência clássica”, e está preparando o terreno para falar a respeito de um “paradigma emergente”. Ele apresenta idéias trazidas de Ilya Prigogine e é a respeito das ciências naturais que ele reflete. Se o acompanho neste vôo de viagem que nos parece afastar por um momento de nossas questões, acho que tenho algumas boas razões. Uma delas pode parecer surpreendente para quem não esteja ainda familiarizado com nosso companheiro de viagem, e com outros pensadores e militantes sociais e políticos da Europa e das três Américas que se avizinham dele na construção de idéias sobre a vocação das ciências e de suas pesquisas.

Ao contrário do que se acreditou durante muito tempo, suspeitemos que nos dias de agora não são mais as ciências sociais aquelas que procuram imitar as teorias duras e supostamente inabaláveis (mas sempre provisórias) e os métodos dirigidos à criação objetiva de certezas, hoje cada vez mais reconhecidas como incertas e igualmente transitórias, efêmeras.

A tendência é de algum modo oposta. E ela parte do reconhecimento de que não há “coisa objetivamente vista” que não tenha sido de um modo ou de outro experimentada. Assim como não existe experiência que ao ser realizada por um cientista ou uma equipe de sujeitos humanos, não contenha a própria subjetividade como um princípio científico não fortuito e inoportuno, mas como algo fundador e criador da própria possibilidade do conhecimento objetivo. Nesta senda, as ciências do universo e da vida aprendem pouco a pouco a pensar e a pensar-se cada vez mais como as da pessoa, da sociedade e da cultura.

Não lembro agora em que passagem de *O Tao da Física*, Fritjof Capra cita a John Wheeler, quando ele afirma que o envolvimento pessoal do sujeito observador no experimento que realiza é o dado de maior importância na nova teoria quântica. E isto o levou a sugerir a substituição da palavra “observador”, no contexto do trabalho científico do físico, pela palavra: “participante”<sup>9</sup>.

Não seria estranho lembrarmos também que ao “correr por fora” dos cânones científicistas nas ciências sociais, os pesquisadores de campo criadores da moderna antropologia social cunham a expressão: “observação participante”. Alguns anos mais tarde, entre educadores, antropólogos e outros cientistas sociais, as pessoas envolvidas com o estarem participando de maneira ativa e direta nos processos sociais de teor político dos acontecimentos de que eram, também, investigadores, foram descobrindo que a passagem do “observador” ao “participante” não poderia deixar de ser corajosamente realizada.

---

<sup>8</sup> Boaventura de Souza Santos, *Um discurso sobre a ciência*, 2001 (12ª edição) Edições Afrontamento, Porto, página 28.

<sup>9</sup> Devo esta lembrança a uma de minhas alunas de um curso de “leituras da Natureza, no Mestrado em Antropologia Social” no segundo semestre de 2001. Foi Maria Claudia Nogueira quem lembrou a citação de Capra.

E o “participante” pretende inaugurar uma pesquisa que sirva à ciência na medida em que se abre a um diálogo que corajosamente realize a sua parte em um encontro entre pessoas humanas que se reúnem através de suas diferenças para criarem saberes que façam definir e desaparecerem de seus mundos as desigualdades que até então e até agora tornam suspeitamente legítimo chamar a algumas pessoas “povo” e, a outras: “intelectual”.

Devo lembrar aqui que bem na contramão dos que preferem dar ao paradigma emergente nomes mais pós-modernos e mais complexos, entre “holísticos” e “transdisciplinares”, Boaventura de Souza Santos escolhe o termo: *paradigma de um conhecimento prudente par uma vida decente*<sup>10</sup>. E este longo nome pretende traduzir as duas dimensões de qualquer vocação do saber científico originado de qualquer modalidade de investigação sobre qualquer dimensão do real. Que ele seja uma forma de conhecimento que atribua um verdadeiro sentido humano à revolução científica que bate às nossas portas. Pois ele deverá ser o conhecimento de uma transformação de modelos e sistemas de pensamento bem diferente da que ocorreu no século XVI e, com as ciências sociais, no século XIX. Isto porque ele acontece no interior de uma sociedade universal já revolucionada pelos diferentes saberes da própria ciência. Assim sendo, não se trata mais de uma “revolução científica”. Trata-se de uma escala de revolução também social através do que se transforma no universo das ciências.

A responsabilidade social de teor político do paradigma emergente faz com que um “conhecimento prudente” deságüe no ele se reconhecer como responsável pela qualidade da vida social, isto é em uma “vida decente” entre todas as pessoas e todos os povos. Isto acontece se tal conhecimento for reconstruído, passo a passo, dentro e ao longo de novos sistemas de integração solidária entre ciências situadas nos mais diversos campos do saber; de interação entre as ciências e outros campos humanos do conhecimento, inclusive os das tradições orientais, as dos povos tribais e as do senso comum, e de uma abertura à indeterminação e ao reconhecimento da fragilidade e do efêmero de qualquer construção de sistemas também científicos de compreensão do real.

Todo o conhecimento referente a uma única pessoa torna toda a espécie humana mais transparente para si-mesma. Todo o conhecimento a respeito de como se vive em uma periferia de Porto Alegre nos ajuda a compreender: 1º. “aquelas pessoas e famílias daquela comunidade”; 2º. as comunidades de periferia de Porto Alegre, de um modo mais geral e ampliado; 3º. Os modos de vida e de pensamento da/sobre a experiência humana do viver em Porto Alegre; 4º. o mesmo, ampliado ao Rio Grande do Sul, ao Brasil, a toda a América Latina, ao “Terceiro Mundo”, e em seu horizonte mais abrangente, a todo o “mundo atual”. Dependendo da coragem de compreensão com que nos lançamos a investigar e buscar compreender o que “descobrimos do real”, pode ser pessoal e coletivamente estendido, e deve estender o alcance de nosso olhar, de nosso coração e de nossa mente.

---

<sup>10</sup> Está na página 37 de *um discurso sobre as ciências*. As minhas reflexões seguintes tomam as de Boaventura entre as páginas 37 e 58.

Em nome de uma objetividade que, vimos já mais de uma vez, as próprias ciências exatas tratam de colocar em questão e rever, as ciências sociais de vocação mais mecânica operam através de três reduções: 1ª. a separação absoluta entre sujeito de conhecimento o objeto (pessoal ou social) do conhecimento; 2ª. a desconsideração da subjetividade, da interioridade, dos fatores não redutíveis ao comportamento ou aos processos passíveis de manipulação experimental ou de redução do fato ao dado, do dado ao número e do número à fórmula; 3ª. a desqualificação do biográfico e do pessoal, deixando de lado ou em um segundo o plano: o depoimento pessoal, a história de vida, a história de uma família, de uma comunidade e assim por diante, em nome de um individual ilusoriamente universalizável.

É bem isto mesmo o que os novos olhares de nossas ciências procuram visitar. Sabemos que mesmo entre as ciências da vida e do universo, a individualidade, o acontecimento e a história gerada pela sucessão de acontecimentos, a interação quase inter-subjetiva entre elementos, entre partículas, são fatos e são fatores tão relevantes do que a observação controlada e atenta de amplas regularidades objetivas.

Em nosso campo específico, temos acompanhado o interesse crescente pelos estudos que partem de biografias ou de experiências absolutamente pessoais no cotidiano. A importância hoje em dia dada às histórias de vida bem revela a descoberta de que “toda a antropologia é uma biografia”, como costumam dizer, há muito tempo, alguns antropólogos. Uma auto ou uma alter-biografia, ou a interação entre as duas. Vidas que ao se revelarem em sua preciosa personalidade, criam cenários de transparência na compreensão mais profunda e mais humanamente inteligível de grupos humanos, de identidades sociais, de modos e escolhas de modos de vida, de *ethos* de um povo, de uma gente, de uma etnia. Vidas que são, em um número crescente de investigações, as vidas de estudantes e as de professoras, contadas em inúmeros novos artigos e teses.

Ora, tudo o que tem sido dito até aqui não procura desqualificar o saber acadêmico e suas variantes, em nome de uma espécie de poli-saber-do-povo erigido como um conhecimento original. Como um “saber de raízes”, logo, o mais humanamente legítimo. Este seria o caminho de se sair de um fundamentalismo – o da ciência culta que se erige como o único confiável – para cair em um outro: o de um populismo epistemológico cujos maus frutos são bastante conhecidos. Por outro lado, tudo o que está escrito até aqui não envolve uma estratégia de banalização do conhecimento científico para que ele venha a ser “de todos” no seu processo de construção e nos seus produtos de realização.

O caminho é outro.

Ele começa na convicção de que tal como o ar, a terra e a água, se o conhecimento é, para além de uma injusta conquista e apropriação de poucos, um bem de todos e para todos, então também as diferentes modalidades de informações relevantes, de conhecimentos e de saberes devem ser criações, processos e “produtos” de uma partilha tão aberta, dialógica e ampla quanto possível. Toda a posse privilegiada e excludente do “dom do saber” através da pesquisa destinada à realização da vida e da pessoa humana, é em si mesma arbitrária, injusta e reforçadora da desigualdade entre pessoas, entre grupos humanos e entre povos da Terra.

Tão importante quanto saber como criar conhecimentos oportunos e humanizadores, é saber como e em nome do quê ampliar o círculo dos seus criadores, dos seus participantes e dos seus

beneficiários diretos. Da mesma maneira como um número afortunadamente crescente de pessoas têm pensado em nossos dias a questão da partilha dos bens da terra através de uma *economia solidária* - tão divergente quanto possível do modelo globalizado e vigente de produção, posse e circulação dos bens da Terra e dos poderes entre os povos - assim também precisamos criar de todas as maneiras possíveis, verdadeiras experiências de *ciência solidária*, de *pedagogia solidária*, associadas a outras *práticas sociais solidárias* da vida cotidiana e da história humana.

Assim sendo, é o intervalo *entre* e, não, um lugar único, o cenário dialógico da possibilidade de um novo conhecimento. Se a utopia de novos saberes-em-diálogo existe, ela está na crescente capacidade de humana de criação de pontos de interconexão de um crescente “entre-nós”. Está nas interações vividas nas grandes simbólicas praças públicas entre partilhantes de um saber polissêmico, complexo e aberto às diferenças. Praças até onde cheguem e de onde partam as mais diversas ruas e avenidas dos diferentes modos de percepção e de compreensão da pessoa humana, da vida e do universo. E o pólo-raiz deste saber interativo e dialógico deve ser, entre Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos, o senso-comum. Algo que não é somente o “saber do povo”, em um sentido antropológico, mas uma saber-que-está-em-toda-a-parte. Um saber que envolve todo conhecimento diretamente brotado da experiência direta da vida e da comunicação entre as pessoas suas buscas de sentidos e de significados para as suas próprias experiências do aprender-a-saber.

Penso que nos anos da criação da *pesquisa participante* não se tratava então, e continua não se tratando agora, de mudar somente conteúdos de ensino-aprendizagem, e de modernizar a epiderme de alguns processos didáticos, alterando apenas a capa pedagógica de algo que tem os pés plantados no chão da vida e, como tal, da política. Um chão-da-vida como o lugar onde estão as raízes da própria sociedade.

E o nosso desafio está em trabalhar, passo a passo, no sentido de deslocar o lugar de criação do conhecimento e das trocas de sentido e de valor da vida através de saberes, de significados, de sensibilidades e de sociabilidades, do domínio de regulação do estado, quando centrado em si-mesmo, ou do mercado ancorado sempre nos seus interesses utilitários e colonizadores, para o domínio alternativo da vida-em-comunidade. Uma vida comunal, vivida entre as múltiplas e interconectáveis teias de grupos humanos não colonizados pela lógica e pelos desejos do mundo dos negócios.

Eis o “chão” da *pesquisa participante*. Por isto eu lembrei mais acima que ela não se confunde com uma teoria científica única, com um método de trabalho exclusivo e excludente, com uma metodologia uniforme. A experiência de pesquisas que entre tateios, enganos e acertos aqui e ali temos experimentado por toda a parte, em tantas e tantas situações de enlace entre comunidades populares e educadores no Brasil, na América Latina e em vários outros recantos do Mundo, procura ser uma aproximação a esta mudança de paradigma científico.

E com boas razões, porque poucos outros sistemas de pensamento e ação social entre nós têm colocado desde os anos sessenta, tal como a *educação popular* e a *pesquisa participante*, uma ênfase tão persistente:

a) no retorno a diálogo com o senso comum das culturas populares e de comunidades de excluídos;

b) na ruptura com os “velhos modos de pensar”, de educar e de investigar a realidade fundados na lógica utilitária do mercado;

c) no deslocamento do lugar social da busca de sentidos e de projetos de construção da história, do poder totalitário e do mundo dos negócios para a sociedade civil e, nela, para a esfera das comunidades de vida e dos movimentos populares;

d) na construção de modelos de educação e de pesquisa fundados no diálogo e na dissolução da hierarquia de competentes desiguais em nome da interação igualitária entre co-criadores diferentes.

Coube à ciência moderna uma prolongada luta contra monopólios estabelecidos de interpretação. Estamos pensando com mais liberdade agora do que antes. No entanto, chegamos o momento em que a ciência e a tecnologia se erigem como a melhor, ou mesmo a única fonte de ideologias progressistas de nosso tempo. Sim. Mas quase sempre ao realizares isto, uma e a outra ocupam o lugar de poder simbólico e do interesse colonizador do mercado. E, a partir daí, cada vez mais parecem sugerir que o desmantelamento das ideologias utópicas dos tempos passado deixa lugar apenas a uma única “utopia possível”, aquela a ser instaurada em todo o mundo quando todo o planeta Terra estiver dominado, “civilizado” e, assim, colonizado pelos princípios, saberes e valores da lógica e da retórica do mercado. Um mercado globalizado, excludente e organicamente desigual, ao qual devem se subordinar os estados de todas as nações, e em que devem subalternamente desaguar as comunidades de todos os povos.

Ao lado de serem um instrumento de um outro valor local, as experiências de *pesquisa participante* ou de *participação da pesquisa* em atividades de conhecimento de comunidades populares, como um instrumento de trabalho também pedagógico, tendem a se constituir como um esforço a mais em um processo de emancipação muito importante. Pois nele reside a criação e o fortalecimento de múltiplas comunidades criticamente interpretativas, em direção à autonomia e à consolidação de redes e teias sociais de confronto solidário diante do poder de colonização do mundo do mercado.

### ***De um olhar ao outro: a busca do diálogo, o encontro com a pessoa do outro***

Bem sabemos que o que está por debaixo da polêmica inacabável entre a objetividade-neutralidade quantitativa e a subjetividade-interatividade qualitativa é algo mais do que uma mera questão apenas epistemológica. Deixando de lado outros aspectos importantes que envolvem os pontos de vista “de um lado e do outro”, procurei aqui pensar na fronteira. Procurei ressaltar como e quando uma abordagem pode servir-se da outra e fecundar-se, fecundando-a. Deixei bem clara a minha escolha ao descrever brevemente a trajetória de minhas dúvidas, ainda não resolvidas inteiramente, e de minhas certezas sempre revisitadas e revistas. Dentre todos os aspectos que envolvem esta e outras polêmicas escolhi apenas alguns para trazer à esta nossa mesa de diálogo. Polêmicas que inclusive colocam de um lado os praticantes de estilos interativo-qualitativos de *observação participante*, mas que desconfiam ainda do todo ou de partes dos estilos interativo-qualitativo-solidários da *pesquisa participante*.



Estamos vendo diante de nossos olhos, assim como diante de arco-íris das nossas escolhas de pensamentos e de ações, o enfrentamento - agora não mais disfarçável - entre modelos não apenas diferentes, mas divergentes e opostos em questões essenciais. E a primeira pergunta que devemos dirigir aos que defendem que, tal como a arte, a ciência não deve envolver-se com qualquer opção de imaginários sociais e de ideologias políticas, envolve que visões de mundo, de imaginário de presente e de que ideologia de criação do futuro eles estão pensando, quando pensam o que pensam e dizem o que nos dizem.

Mas uma outra pergunta deveria ser dirigida a todas e todos nós.

Não estaremos deixando o alcance de nossos olhos e de nossas mentes confinado demais dentro e um campo muito restrito da vida social, frente a tudo o que existe “ali” e coloca desafiadoramente diante de nós?

E a esta se segue outra pergunta. Ao pensarmos quais deveriam ser as nossas escolhas de projetos de educação, assim como de propostas de pesquisas que os tornem mais críticos e mais fecundos, não estaremos presos ainda a idéias e modelos muito estreitos e em boa medida já ultrapassados?

Uma terceira pergunta. Não seria este o momento de nos abirmos sem receios – mas com toda a cautela e todo o rigor devidos a quem se lança a pesquisar qualquer coisa – a novos olhares, a novos sentimentos, a novos sentidos e a novas interações entre tudo isto e tudo o mais?

É na busca de respostas nunca individuais, sempre solidárias, coletivas, fruto de diálogos, de encontros entre semelhantes, diferentes e divergentes, a estas e a outras perguntas, que eu me interrogo sempre a respeito de uma outra questão que deve ser escrita aqui: de qual lugar social eu penso o que penso e falo o que eu falo antes, durante e depois de uma pesquisa?

Em nossas intenções pesquisas devemos descobrir em primeiro lugar os seus sujeitos. E, neles e entre-eles, as suas subjetividades, as suas inter-subjetividades e, se viável, as suas trans-subjetividades. Estamos aprendendo agora a lidar com a inteireza do sujeito destas diversas dimensões de subjetividades. Estamos aprendendo a perder o temor de sermos menos confiáveis por estarmos sendo mais pessoais no modo como trabalhamos, inclusive quando investigamos isto ou aquilo. Mas é justamente no encontro - o mais profundo e verdadeiro possível - entre dois sujeitos da história, duas atoras sociais do cotidiano, uma professora e um estudante de sua “turma de alunos”, duas pessoas humanas, enfim, que a relação mais humanamente objetiva acontece.

Quando no encontro entre eu-e-você existe em alguma medida uma intenção de amor ou, se quisermos, de aceitação do outro em-si-mesmo e tal como ele é, então é quando em sua maior transparência o eu-do-outro aparece em-mim, a-mim e para-mim. O outro é, inicialmente, um semelhante a mim: fala a seu modo a minha língua, participa a seu modo de minha própria cultura, crê a seu modo no mesmo deus que eu, e toma no cair da tarde de uma quinta feira o mesmo chimarrão que eu.

Por isto ele me atrai de início. Porque mesmo quando um quase-distante - uma mãe-de-família da comunidade de minha escola - ela me é alguém próximo, um ser semelhante. Interajo aceitando o outro em meu afeto, não porque ele é a minha imagem, o que seria um desejo narcísico de me ver nos outros a quem amo. Eu o aceito de maneira incondicional pelo que nele encontro de ressonância em mim.

Mas eu aceito a seguir em sua diferença-de-mim. Na imensa maior parte dos “casos” com quem nos encontramos em uma pesquisa de comunidade, estamos diante de pessoas que não sendo nós, e sendo de algum modo como nós, são também a medida visível de nossa diferença. Não moramos no mesmo bairro e nem as nossas roupas são exatamente iguais. Nossos salários podem até não ser muito desiguais, mas os nossos modos de vida cotidiana são. E é nas chamadas “diferenças culturais” que nos acostumamos a ver o que nos torna - em uma sociedade dual e excludente como a nossa – seres e sujeitos sociais injustamente desiguais. Falamos a mesma língua, mas não do mesmo modo. E é provável que a biblioteca de minha casa tenha mais livros do que as de todas as casas da comunidade onde está a minha escola.

E é justo no intervalo entre o reconhecimento da similitude e da diferença entre eu-e-ela que o diálogo de um entre-nós se torna possível. Mesmo quando é o diálogo apressado da meia-hora de uma entrevista de pesquisa. Sei muito bem que entre esta “ela”, ou “um alguém” da comunidade e eu, existe um dado de desigualdade sociocultural não desejada, mas real. E mesmo que eu não deseje assim, ele transforma e deprava uma diferença entre pessoas em uma desigualdade entre sujeitos de categorias sociais desigualadas. E a própria maneira como uma “conversa” entre “ele-e-eu” em uma pesquisa transcorre deixa isto bem claro.

Realizo a minha parte de uma investigação da/na comunidade porque ela é parte de meu trabalho. Mas eu participo dela para além da responsabilidade funcional porque quero acreditar que também ela é um instrumento a mais no trabalho solidário da aventura dos encontros entre pessoas vistas e vividas, de um lado e do outro, como seres a quem toca reduzir e destruir as desigualdades sociais para que não reste mais entre elas nada mais do que as desejadas diferenças de destino ou de escolhas. As diferenças culturais despojadas de qualquer valor de hierarquia, as diferenças étnicas outras.

Devo concluir este escrito com algumas idéias simples a respeito do que, na prática da pesquisa no interior do trabalho de quem educa. Lembrei-me de sete intenções e ação que nós podemos ensaiar. Eis porque cada uma dela começa com este verbo em uma pessoa do plural: “podemos”.

### ***Sete breves sínteses como um rascunho de conclusão***

#### *primeira*

Podemos acreditar com os diversos inspiradores dos novos modelos de pensamento, que a razão de ser do aprender-a-saber e também o da ciência em nossos tempos, não é mais, com prioridade, o criar com prioridade, através de experiências restritas, fechadas e de alta competência e especialização, conhecimentos tão “especiais” que não possam estabelecer redes de interlocução com outros campos e outras fronteiras do saber.

A pesquisa serve à criação do saber e o saber serve a interação entre os saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas de conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos; os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável, a vida que compartilmos

uns com os outros e todos os seres da vida; o mundo e os infinitos círculos de realização do cosmos de que somos, nossa pessoa individual, nossas comunidades, a vida, o nosso mundo, parte e partilha.

Todo o conhecimento competente não vocacionado e dirigido ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores pessoais e coletivos de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências acadêmicas e dos saberes autoproclamados como cultos e/ou eruditos – não tem outro valor a não ser o de sua própria presunçosa solidão.

### *segunda*

Podemos acreditar no valor de uma intercomunicação entre os defensores dos modelos de objetivação da ciência - os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade - e os que defendem os modelos da subjetividade do cientista - os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade.

De um lado e do outro, devemos preservar a idéia de que, qualquer que seja o seu campo de pesquisa científica, o trabalho de quem pesquisa deve preservar critérios de rigor, de uma ponderada objetividade, de honesta competência e não utilitária competência, e, sobretudo, de uma vocação de serviço em seu trabalho.

No entanto, isto não se opõe e, antes, até mesmo reforça o fato de que qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras, e o seu valor está em sua vocação de diálogo, muito mais do que no seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

### *terceira*

Podemos acreditar que o fosso de desigualdades e de uso de maus espelhos entre as ciências “naturais” e as “sociais” deveria dar lugar a um intervalo aberto e fracamente dialógico entre umas e outras. A prática do ambientalismo e as convergências de conhecimentos nas “novas ecologias” bem podem ser um caminho a seguir. Podemos acreditar que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das ciências sociais não é a boa prática das naturais.

As ciências da natureza aprendem a relativizar, a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender através do diálogo entre leituras e, não, através de monólogos de certezas. Elas tomam, portanto, um como modelo de teoria e prática, a atualidade dos dilemas das ciências humanas.

Isto não significa uma inversão de domínios. Significa que de um lado e do outro, o avanço da compreensão está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes de um ultrapassado positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

E este caminhar direcionado à construção lenta, diferenciada e progressiva de uma humanizante transdisciplinaridade, em nada significa o desejo de chegarmos a uma ciência única, pan-unificadora. Não converge sequer para a criação de uma pan-teoria geral do saber. Ao contrário, ele abre-se ao que de maneira afortunada Boaventura de Souza Santos chamou de “um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas d’água que até agora concebemos como objetos estanques”.

Esta convergência retoma o valor e o sentido, tanto das diferentes outras alternativas culturais de construção de saber e de criação de sentido e valor, incluídas aí as diferentes tradições populares e de povos testemunho.

#### *quarta*

Podemos acreditar que a finalidade do conhecimento é também - e antes de qualquer outra razão de ser - a de criar, difundir, fazer dialogarem e difundir respostas urgentes e prementes para as reais e justas necessidades e aspirações de pessoas e comunidades humanas. Sabemos que uma utilidade fundamental da ciência deve estar na criação e ampliação da própria compreensão nossa a respeito das interações e integrações entre os mistérios da pessoa, das coletividades que ela habita, do mundo em que ela vive e, por extensão, do mistério da vida em que nós, os humanos e outros seres nos reproduzimos e realizamos.

Sim. Mas esta abertura do valor-ciência a uma compreensão totalizadora dirigida a uma crescente e sempre mais interconectada decifração maravilhada do ainda desconhecido, através do desvelar incessante de novos e mais desafiadores mistérios a serem decifrados, assim como ao aporte incessante de saberes-valores a um crescente e aberto diálogo entre pessoas e entre grupos de pessoas, povos e culturas, não deve deixar de lado o fato de que hoje, mais do que nunca, exigências humanas e sociais inadiáveis formulam aos saberes da ciência, desafios em nome da sobrevivência, do saber-viver e da felicidade cotidiana de pessoas, de grupos humanos, de povos e de nações. De toda a humanidade, no limite,

Vivemos hoje um feliz momento em que todo o mundo do saber, da ciência e da educação abrem-se de forma escancarada e desafiadora em direção a horizontes de interações, integrações e indeterminações antes sequer sonhados. Mas convivemos, também um tempo universal de "modernidade líquida", como nos lembra Zigmunt Bauman. Um mundo em que, bastante mais do que em qualquer outra era da história, nos vemos ameaçados por uma tão sutil quanto perversa ameaça de domínio desigual e de colonização todas as esferas da vida e do destino de todas as pessoas.

Um saber de partilha, uma ciência de compromisso com a felicidade humana, com a justiça, a inclusão, a liberdade estendida a todos os seres do Planeta Terra, não pode fazer-se neutra ou isenta, diante da crescente ameaça de colonização midiática, utilitária, instrumental e competitiva.

Um crescendo de domínio de pessoas, comunidades, sociedades que, em nosso campo específico, ameaça dominar a própria educação desviada de sua própria vocação humanizadora, em direção ao desvio que vai do formar a pessoa consciente-e- cooperativa em direção a uma mera capacitação instrumentalizadora do indivíduo competente-competitivo, disciplinada e utilitariamente subordinado aos padrões e desejos do mundo do mercado.

*quinta*

Podemos defender a idéia de que assim como todas as outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar e através das quais descobrir e ampliar *ad infinitum* antigos e novos campos sociais de diálogo criador e emancipatório, pretendem estar falando desde o lugar social da *comunidade humana concreta e cotidiana*. E pretendem se dirigir a comunidades humanas de criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretece e escreve.

Portanto, podemos imaginar que deveria ser constituído como um plano oposto ao nosso trabalhos e aos nossos diálogos, toda opção dominante e crescentemente dominadora de sentidos e de saberes, gerada segundo os interesses do *lugar social mercado de bens*. E que, portanto, fala em seu nome e se dirige não apenas a ele, mas, por extensão intencional, a subordinar todos os outros campos de realização da vida e da criação da história.

*sexta*

Podemos pensar por um momento com Sartre. Podemos lembrar aqui uma de suas passagens mais memoráveis. Em algum lugar de **A questão do método** ele, falando sobre o que é essencial na repartição da vida humana, diz isto:

*O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.*

Para além da realização dos planos intelectuais de um sujeito de conhecimento – um filósofo, um cientista, um investigador – e para além da utilização e dos benefícios estendíveis a quem foi antes um objeto de conhecimento através de uma pesquisa, todo o trabalho conseqüente de investigação deve objetivar ser um passo a mais no caminho da realização humana. Logo, da inteira liberdade de cada ser humano. Uma liberdade jamais outorgada por qualquer poder situado fora de seu campo de vida e de ação. Uma liberdade construída e conquistada “de baixo para cima”, “da periferia para o centro”, do “mundo da vida para o mundo do poder sobre a vida”.

Todo o saber sobre nós-mesmos deve tender a ser uma fração de conhecimento integrado “a respeito de”, na mesma medida em que se torna também a possibilidade de realização do próprio saber como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor.

Podemos acreditar que todo o bom saber transforma o que há no que pode haver. Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos - econômicos, políticos, científicos, tecnológicos - sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção à justiça, à inclusão, à liberdade, à partilha gratuita e generosamente solidária da própria vida, enfim.

Podemos reler e estender um pouco mais a mensagem de Jean-Paul Sartre escrita linhas acima. Podemos refletir sobre ela e podemos pensar como e em que medida ela poderia ser um desafio anteposto entre o que sabemos, o que devemos aprender a saber, o que fazemos para aprender a saber e o que fazemos com o que aprendemos a saber. E a citação de Sartre poderia ser alongada mais ou menos deste modo:

*O essencial não é o que foi feito do homem. O essencial é o que ele faz e não cessa de seguir fazendo com o que fizeram dele.*

*O que fizeram dele foram s seguem sendo as estruturas e os processos sociais de poder e de posse de bens, de serviços, de sentidos, de valores e dos meios através dos quais ele pode pensar e estabelecer de maneira livre e solidária situações de gerar o seu próprio aprendizado e criar o seu próprio pensamento. O que seguem fazendo dele – e de nós, portanto - é a reprodução sempre atualizada de estruturas de controle de mentes, de corações e de culturas. São as relações humanas fundadas por e fundadoras de relacionamentos sociais regidos pela desigualdade, pela exclusão, pela subordinação, pelo poder de qualificação de atores sociais e de atribuição desigual de sentido às suas vidas, às suas idéias, às suas ações.*

*São os processos programados de robotização da experiência humana e de conseqüente tolhimento da liberdade, sob a aparência de que nunca houve tanto direito à escolha autônoma.*

*O que fazem dele é o exercício dado por legítimo da –violência, e depois a violência que a violência original do poder e da posse entre desiguais faz existir.*

*O que o homem faz é o que ele cria ao fazer junto com os seus outros.*

*O que ele cria são os gestos poéticos e são os atos pedagogicamente políticos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade.*

*São tudo aquilo que passo a passo ele escreve quando pensa e inscreve quando age sobre o seu mundo, e transforma a sua experiência cotidiana, no interior e através das redes e dos círculos de vida e de ação de pessoas que suas experiências de partilha da vida como uma criação responsável e solidária, de criação dos termos de sua própria história.*

*Toda a pesquisa, em qualquer circunstância com esta vocação, e qualquer que seja o seu domínio de pensamento, não é mais do que um pequeno e indispensável momento em tudo isto.*

*sétima*

Podemos concluir estas idéias e propostas uma vez mais com dois outros pensadores. Tal como em nossas epígrafes, escolhi de propósito um europeu, agora um francês, Roland Barthes, e um latino-americano Eduardo Galeano. O primeiro, em um memorável último parágrafo do livro que resultou de sua aula magna quando assumiu a cadeira de semiologia literária no *Collège de France*, trás na primeira parte do que escreve talvez a melhor definição do que seria... pesquisar. Então ele se dirige às pessoas jovens, como vocês que me escutam. Logo a seguir ele retoma Borges, e fala sobre o esquecimento e a sabedoria que dele provém. Então ele se dirige às pessoas outonais, como eu mesmo.

Já a passagem de Eduardo Galeano vai em direção oposta. Severamente crítica, ele fala de como os saberes do mundo que nos coloniza, ao mesmo tempo imbeciliza ricos e pobres, para que cada um cumpra o seu desgraçado destino na sociedade do primado da mercadoria. Eu não sei onde esta passagem está escrita. Eu a retirei de um cartaz escrito a mão. ele estava no salão do auditório da *Facultad de Letras y Filosofía da Universidad de Buenos Aires*. E estava ao lado de cerca de trezentos retratos de e dados sobre jovens, mulheres e homens, mortos ou desaparecidos durante a ditadura da Argentina.

Saibamos ouvi-los e, com eles, concluir esta fala já longa demais.

Roland Barthes

*Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda a vida: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe, isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que os esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapiëntia. Nenhum poder, um pouco de saber e um máximo de sabor possível<sup>11</sup>.*

Eduardo Galeano

*Dia após dia, nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata as crianças ricas como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata as crianças*

---

<sup>11</sup> Roland Barthes, *Aula*, Editora Cultrix, 1978, São Paulo.

*pobres como se fossem lixo, para que se convertam em lixo. E as do meio, as crianças que não são ricas nem pobres, os têm atados ao pé do televisor, para que desde muito cedo aceitem, como destino, a vida prisioneira.*

### **Bibliografia**

Brandão, Carlos Rodrigues e Fals Borda, Orlando  
*Investigación Participativa*  
 Cetrullo, Ricardo (org)  
 1985, Instituto Del Hombre/Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo

Freire, Paulo  
*Criando métodos de pesquisa alternativa*  
 In: Brandão, Carlos Rodrigues (org)  
*Pesquisa participante*  
 1981, Brasiliense, São Paulo

Moraes, Maria Cândida  
*O paradigma educacional emergente*  
 2000, Papirus, Campinas  
 Santos, Boaventura de Souza  
*Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*  
 Cortez Editora, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza  
*A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*  
 2001, Cortez Editora, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza  
*Um discurso sobre a ciência*  
 Afrontamento, Porto, 2001 (12ª ed)

Santos, Boaventura de Souza  
*A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*  
 Volume I



Cortez Editora, São Paulo, 2001

Walsh, Roger e Vaughan, Frances (orgs)  
*Caminhos além do Ego – uma visão transpessoal*  
1999, Cultrix/Pensamento, São Paulo